

## 42. A IGREJA É UNA

811-822



### INTRODUÇÃO

A Igreja é una, santa, católica e apostólica. Desde o concílio de Constantinopla de 381, os cristãos entendem esses atributos como propriedades fundamentais da Igreja, ou seja, qualidades sem as quais a Igreja não seria Igreja.

A Igreja é *uma realidade complexa*, por isso essas propriedades se completam e se determinam reciprocamente, ressaltando, cada uma delas, um determinado aspecto de uma única realidade. A catolicidade é a diversidade na unidade; a santidade consiste na unidade com Deus, com os outros cristãos e com a humanidade inteira; a apostolicidade só tem sentido na unidade.

### TEXTO 811-822

#### PRIMEIRA PARTE

#### SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

#### CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

#### ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

#### PARÁGRAFO 3: A IGREJA É UMA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA

**811.** “Esta é a única Igreja de Cristo, que no Credo confessamos ser una, santa, católica e apostólica”. Estes quatro atributos, inseparavelmente ligados entre si indicam traços essenciais da Igreja e da sua missão. A Igreja não os confere a si mesma; é Cristo que,

pelo Espírito Santo, concede à sua Igreja que seja una, santa, católica e apostólica, e é ainda Ele que a chama a realizar cada uma destas qualidades.

**812.** Só a fé pode reconhecer que a Igreja recebe estas propriedades da sua fonte divina. Mas as manifestações históricas das mesmas são sinais que também falam claro à razão humana. “A Igreja, lembra o I Concílio do Vaticano, em razão da sua santidade, da sua unidade católica, da sua invicta constância, é, por si mesma, um grande e perpétuo motivo de credibilidade e uma prova incontestável da sua missão divina”.



## I. A IGREJA É UNA

### O sagrado mistério da unidade da Igreja

**813.** *A Igreja é una, graças à sua fonte:* “O supremo modelo e princípio deste mistério é a unidade na Trindade das pessoas, dum só Deus, Pai e Filho no Espírito Santo”. *A Igreja é una graças ao seu fundador:* “O próprio Filho encarnado [...] reconciliou todos os homens com Deus pela sua Cruz, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só Corpo”. *A Igreja é una graças à sua «alma»:* “O Espírito Santo que habita nos crentes e que enche e rege toda a Igreja, realiza esta admirável comunhão dos fiéis e une-os todos tão intimamente em Cristo que é o princípio da unidade da Igreja”. Pertence, pois, à própria essência da Igreja que ela seja una:

*Que admirável mistério! Há um só Pai do universo, um só Logos do universo e também um só Espírito Santo, idêntico em toda a parte; e há também uma só mãe Virgem, à qual me apraz chamar Igreja.*

**814.** Desde a origem, no entanto, esta Igreja apresenta-se com uma grande *diversidade*, proveniente ao mesmo tempo da variedade dos dons de Deus e da multiplicidade das pessoas que os recebem. Na unidade do povo de Deus, juntam-se as diversidades dos povos e das culturas. Entre os membros da Igreja existe uma diversidade de dons, de cargos, de condições e de modos de vida. “No seio da comunhão da Igreja existem legitimamente Igrejas particulares, que gozam das suas tradições próprias”. A grande riqueza desta diversidade não se opõe à unidade da Igreja. No entanto, o pecado e o peso das suas consequências ameaçam constantemente o dom da unidade. Também o Apóstolo se viu na necessidade de exortar a que se guardasse “a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4,3).

**815.** Quais são os vínculos da unidade? “Acima de tudo, a caridade, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3,14). Mas a unidade da Igreja peregrina é assegurada também por laços visíveis de comunhão:

- a profissão duma só fé, recebida dos Apóstolos;
- a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos;
- a sucessão apostólica pelo sacramento da Ordem, que mantém a concórdia fraterna da família de Deus.

**816.** “A única Igreja de Cristo [...] é aquela que o nosso Salvador, depois da ressurreição, entregou a Pedro, com o encargo de a apascentar, confiando também a ele e aos outros apóstolos a sua difusão e governo [...]. Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste (*subsistit in*) na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele”.

O decreto do II Concílio do Vaticano sobre o Ecumenismo explicita: “Com efeito, só pela Igreja Católica de Cristo, que é ‘meio geral de salvação’, é que se pode obter toda a plenitude dos meios de salvação. Na verdade, foi apenas ao colégio apostólico, de que Pedro é o chefe, que, segundo a nossa fé, o Senhor confiou todas as riquezas da nova Aliança, a fim de constituir na terra um só Corpo de Cristo, ao qual é necessário que sejam plenamente incorporados todos os que, de certo modo, pertencem já ao povo de Deus”.

**817.** De fato, “nesta Igreja de Deus una e única, já desde os primórdios surgiram algumas cisões, que o Apóstolo censura asperamente como condenáveis. Nos séculos posteriores, porém, surgiram dissensões mais amplas. Importantes comunidades separaram-se da plena comunhão da Igreja Católica, às vezes por culpa dos homens duma e doutra parte”. As rupturas que ferem a unidade do Corpo de Cristo (a saber: a heresia, a apostasia e o cisma) devem-se aos pecados dos homens:

*Ubi peccata, ibi est multitudo, ibi schismata, ibi haereses, ibi discussiones. Ubi autem virtus, ibi singularitas, ibi unio, ex quo omnium credentium erat cor unum et anima una* — Onde há pecados, aí se encontra a multiplicidade, o cisma, a heresia, o conflito. Mas onde há virtude, aí se encontra a unicidade e aquela união que faz com que todos os crentes tenham um só coração e uma só alma.

**818.** Os que hoje nascem em comunidades provenientes de tais rupturas, “e que vivem a fé de Cristo, não podem ser acusados do pecado da divisão. A Igreja Católica abraça-os com respeito e caridade fraterna [...]. Justificados pela fé recebida no Baptismo, incorporados em Cristo, é a justo título que se honram com o nome de cristãos e os filhos da Igreja Católica reconhecem-nos legitimamente como irmãos no Senhor”.

**819.** Além disso, existem fora das fronteiras visíveis da Igreja Católica, «muitos elementos de santificação e de verdade”: “a Palavra de Deus escrita, a vida da graça, a fé, a esperança e a caridade, outros dons interiores do Espírito Santo e outros elementos visíveis”. O Espírito de Cristo serve-Se destas Igrejas e comunidades eclesiais como meios de salvação, cuja força vem da plenitude da graça e da verdade que Cristo confiou à Igreja Católica. Todos estes bens provêm de Cristo e a Ele conduzem e por si mesmos reclamam “a unidade católica”.

# IGREJA

## CORPO DE CRISTO



### A caminho da unidade

**820.** A unidade, “Cristo a concedeu à sua Igreja desde o princípio. Nós cremos que ela subsiste, sem possibilidade de ser perdida, na Igreja Católica, e esperamos que cresça de dia para dia até à consumação dos séculos”. Cristo dá sempre à sua Igreja o dom da unidade. Mas a Igreja deve orar e trabalhar constantemente para manter, reforçar e aperfeiçoar a unidade que Cristo quer para ela. Foi por esta intenção que Jesus orou na hora da sua paixão e não cessa de orar ao Pai pela unidade dos seus discípulos: “Que todos sejam um. Como Tu, ó Pai, és um em Mim e Eu em Ti, assim também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17,21). O desejo de recuperar a unidade de todos os cristãos é um dom de Cristo e um apelo do Espírito Santo.

**821.** Para lhe corresponder de modo adequado, exige-se:

- Uma *renovação* permanente da Igreja, numa maior fidelidade à sua vocação. Essa renovação é a força do movimento a favor da unidade;
- a *conversão do coração*, “com o fim levar uma vida mais pura segundo o Evangelho”, pois o que causa as divisões é a infidelidade dos membros ao dom de Cristo;
- a *oração em comum*, porque “a conversão do coração e a santidade de vida, unidas às orações, públicas e privadas, pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecumênico, e com razão podem chamar-se ecumenismo espiritual;
- o *mútuo conhecimento fraterno*;
- a *formação ecumênica* dos fiéis, e especialmente dos sacerdotes;
- o *diálogo* entre os teólogos, e os encontros entre os cristãos das diferentes Igrejas e comunidades;
- a *colaboração* entre cristãos nos diversos domínios do serviço dos homens.

**822.** A preocupação com realizar a união diz respeito a toda a Igreja, fiéis e pastores. Mas também se deve “ter consciência de que este projeto sagrado da reconciliação de todos os cristãos na unidade dum só e única Igreja de Cristo, ultrapassa as forças e capacidades humanas”. Por isso, pomos toda a nossa esperança “na oração de Cristo pela Igreja, no amor do Pai para conosco e no poder do Espírito Santo”.



### Revisando temas

#### 1. Igreja una e unida

Do mesmo modo como a confissão de Deus (creio em Deus) é um reconhecimento da unicidade das pessoas (um único Pai, Filho e Espírito Santo), assim também a confissão de fé se refere a uma única Igreja.

A unidade é uma propriedade essencial da Igreja de Jesus Cristo, em virtude da qual ela é intimamente **unida** apesar da variedade de suas manifestações vitais, e somente **una** malgrado a multiplicidade das comunidades eclesiais. O Catecismo da Igreja Católica expõe tanto a unicidade quanto a unidade da Igreja, quando se refere a essa propriedade fundamental.

A concepção de unidade eclesial tem seu ponto de referência último, seu princípio primeiro e sua razão fundamental na **unidade** e **unicidade** de Deus. A Igreja é única e una porque Deus é uno e único em si mesmo. Ela é una porque obra do único Deus que, na sua única economia salvífica, edifica a única Igreja mediante o único batismo, a única ceia do Senhor e o único Evangelho ao qual se responde com uma só fé. Ao serviço da Igreja está o único ministério.

Os padres gostavam de apresentar a Igreja como “povo unido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Cipriano, *De orat. Domin.* PL 4,53). A Igreja é comunidade de fiéis que reproduz e testemunha a comunhão trinitária de Deus. Por isso, a estrutura e o modo de sua unidade devem corresponder à unidade de Deus. Uma vez que a autorevelação trinitária mostra que a forma mais sublime de unidade é o **amor que unifica o diverso**, da mesma forma a unidade eclesial deve ser concebida e vivida segundo esse modelo.

Por outro lado, a propriedade fundamental da unidade não seria bem compreendida abstraindo da sua condição histórica e escatológica. A Igreja é **início** da reconciliação da humanidade realizada graças à aceitação incondicional da parte de Deus em Jesus Cristo

e no Espírito Santo. Ela é **enviada** para servir a reconciliação da humanidade. Dessa maneira, é a própria Igreja que reconhece que a unidade eclesial **deve crescer** até a perfeição escatológica. Reconhece sua história como a das divisões e das separações e também como história de muitas tentativas erradas de reconquistar a unidade. Como complexa realidade, a Igreja traduz na história e testemunha a comunhão eterna e, ao mesmo, tempo é o povo de Deus ainda em marcha da cidade de Deus.

A condição terrena da Igreja é caracterizada por um “já” e por um “ainda não”. Ela é *já* aquilo que é chamada a ser; somos já filhos de Deus, todavia *esperamos* a liberdade gloriosa de filhos e a libertação dos nossos corpos (cf. Rm 8,21-23). Cristo congrega o seu povo em uma **situação de graça que permanecerá**, mas ordenando e dispondo as coisas através de **meios que passarão**: enunciados doutrinários e preceitos de ação transmitidos, sacramentos, autoridade pastoral que regula a vida dos cristãos. Tudo isso constitui um conjunto de meios destinados a conduzir para a unidade de filhos de Deus e para fazer viver essa unidade.

Evidentemente entre graça, que permanece, e meios, que perduram somente na condição atual, há continuidade assegurada pelo próprio Cristo. Assim a palavra proclamada, se acolhida, gera a fé. O batismo incorpora a Cristo morto e ressuscitado; a eucaristia é comunhão no corpo e sangue de Cristo; os ministros, também eles, não somente comunicam a união com Cristo, mas também representam aquele que Deus constituiu como princípio de unidade entre ele e nós, e entre nós.

## **2. Unidade externa e interna**

Na condição terrena da Igreja, a unidade pode ser considerada a partir de suas perspectivas inseparáveis e distintas entre si: dos **meios externos** e da **realidade interiorizada**. A unidade externa e concreta dos meios está em função da realidade interior. Assim a unidade da Igreja é social e espiritual, externa e interna. A unidade eclesial é, ao mesmo tempo, unidade de comunhão espiritual (de graça e de salvação) e unidade nos meios para encontrar e alcançar a salvação.

Mais concretamente. A unidade externa da Igreja católica é uma **tríplice unidade**: “unidade na confissão de **uma só fé**, na comum celebração do **culto divino** e na fraterna **concórdia da família de Deus**” (UR 2,4). Ao serviço dessa unidade visível se coloca o tríplice múnus do ofício episcopal de ensino, governo e santificação: “Jesus quer que seu povo cresça sob a ação do Espírito Santo, através da fiel *pregação* do Evangelho e da *administração* dos sacramentos, e mediante um *governo* amoroso realizado pelos Apóstolos e pelos seus sucessores – os bispos – e o sucessor de Pedro como chefe” (UR 2,4).

Essa unidade visível não está em função de si mesma. Ela é somente uma mediação e sinal da autêntica unidade interior, da unidade no Espírito de Cristo e na caridade. “Não se salva, contudo, embora incorporado à Igreja, aquele que, não perseverando na caridade, permanece no seio da Igreja com o corpo, mas não com o coração” (LG 14,2). Nesse sentido, é significativa a prioridade que o Catecismo da Igreja Católica dá à unidade na caridade.

*Quais são estes vínculos de unidade? ‘Sobre tudo isso está a caridade que é o vínculo de perfeição’ (Cl 3,14). Mas a unidade da Igreja peregrinante é também assegurada por vínculos visíveis de comunhão: a profissão de uma única fé recebida dos Apóstolos; a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos; a sucessão apostólica, através dos Sacramentos da Ordem, custodia a concórdia fraterna da família de Deus (815).*

Para os católicos, a unidade da Igreja tem, portanto, **demarcações claras** nos três vínculos visíveis de comunhão, demarcações que eles não podem ultrapassar se não desejam romper com a unidade. A unidade confessional, como unidade na confissão da única fé, na comum celebração do culto e na concórdia fraterna da família de Deus, é uma unidade concreta cujos limites estão claramente marcados por sinais concretos de unidade. Por isso se separam da Igreja, os que se colocam contra a comunidade de culto e dos fiéis representada pelo bispo e pelo papa (cisma) ou os que negam pública e obstinadamente um conteúdo essencial da fé comum (heresia).

Por outro lado, essa unidade é um **processo histórico** e uma unidade carregada de tensões. A **unidade exterior não é totalmente idêntica com a interior**. O sinal externo “Igreja” é necessário como forma da ação de Deus no mundo e na história. Mas a ação salvífica de Deus não se esgota no sinal eclesial. A unidade externa, como sinal, é necessária para **manifestar, tornar presente e aprofundar** a comunhão interior com Deus. Mas é possível conformar-se a esses vínculos visíveis – enunciados de fé e preceitos, sinais sacramentais, submissão à autoridade – sem entrar na vida profunda da qual esses meios são instrumentos.

### 3. Formas de unidade

Segundo o NT, a Igreja se manifesta em cada uma das numerosas comunidades locais. É surpreendente, por exemplo, a saudação inicial de Paulo à comunidade de Corinto: “A Igreja de Deus que está em Corinto” (1Cor 1,2). Não há referência alguma a uma federação de igrejas que formariam uma Igreja universal. Pelo contrário, cada uma das Igrejas locais é plenamente a Igreja de Jesus Cristo. “Em cada Igreja local está presente a única Igreja” (H. Schlier).

Os Atos dos Apóstolos descrevem a primeira comunidade dos discípulos da seguinte maneira: “Eram assíduos em escutar o ensinamento dos apóstolos, na solidariedade, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). Os discípulos tinham um só coração e uma só alma (cf. At 4,32) não somente no aspecto sentimental, mas que se traduzia também em certas estruturas visíveis descritas por S. Lucas através de três elementos:

- unidade pelo apego ao ensinamento apostólico, graças a qual se realiza aquela unanimidade de fé e de confissão pedida por Paulo em 1Cor 1,10; Rm 15,6 e Ef 4,14;
- unidade de vida social ou da comunidade fraterna que se traduzia então em uma vida em comum (2,44-47), na espontânea comunhão de bens (4,32-37) e na união profunda de sentimentos (4,32). Exatamente porque vivem fraternamente, os cristãos podem “partir o pão”;
- união na celebração do culto que inclui as orações (2,46; 3,1; 5,12), as celebrações da fração do pão pelas quais se aperfeiçoa a unidade dos fiéis com Cristo e entre si (1Cor 10,16-17).

Em outras palavras, a partir desses textos podemos destacar três formas de unidade: **unidade de fé**, de **vida social** e de **culto e sacramentos**. Também a ordem desses elementos tem importância, uma vez que é a pregação apostólica que conduz à comunhão de vida e à fração do pão e às orações.

Cada uma dessas formas de unidade pode ser vivida exteriormente, mas só alcança sua plena verdade quando são vividas interiormente. Assim a situação normal e desejável é que o exterior corresponda a uma realidade interior.

Nesse sentido, o Vaticano II afirma:

*São incorporados plenamente à sociedade da Igreja os que tendo o Espírito de Cristo, aceitam a totalidade de sua organização e todos os meios de salvação nela instituídos e na sua estrutura visível – regida por Cristo através do Sumo Pontífice e dos Bispos – se unem com Ele pelos vínculos da profissão de fé, dos sacramentos, do regime e da comunhão eclesiais (LG 14,2).*

A **exclusividade** se torna **inclusividade**: todas as Igrejas, religiões e culturas participam de maneira gradual da única Igreja Católica. A **uniformidade** se torna uma **complexidade**: cada Igreja particular tem a tarefa de desenvolver, sem renunciar ao que é lhe essencial, um perfil que corresponda à sua própria situação. Essa concepção inclusiva e complexa da unidade tem o seu fundamento na unidade e comunhão da Trindade



#### 4. Unidade de fé

A fé é um *princípio de vida ou de ação* que faz da Igreja uma.

Muito mais do que “ter por verdadeiro” proposições que superam a razão, a fé é a realidade sobre a qual se realiza a aliança entre Deus e os homens, que é uma comunicação de fidelidade semelhante àquela do matrimônio (Os 2). Por parte do homem a fé é abertura pela qual ele acolhe a ação de Deus apoiando-se unicamente na veracidade e na fidelidade de Deus. Pela fé o homem, entregando-se totalmente, se esforça em pertencer totalmente a Deus. Por parte de Deus, a Aliança é o ato com que Ele começa a se comunicar a nós, dizendo-nos o que quer ser *para* nós. Mas a autocomunicação divina em palavras é acompanhada interiormente por uma comunicação de espírito.

A fé pode ser, no cristão individual, “informe”; a ele falta algo, mas na Igreja como tal a fé tem sempre sua **plenitude**: ela une o povo da Aliança com o Deus da Aliança mediante o vínculo eficaz e total da caridade.

Na Igreja a fé é **fundamental** e **central**. Os sacramentos a supõe e a exprimem. Toda a organização e a vida da Igreja são um serviço da fé viva. A fé não é somente princípio de existência pessoal; é verdadeiramente o **princípio primeiro** de comunhão para as pessoas e da unidade de toda a Igreja.

A fé é **princípio de união** entre as pessoas porque todas acreditam na mesma realidade, comunicada pelo mesmo testemunho da Escritura, dos Apóstolos e do múnus profético que continua na Igreja.



A fé é princípio **interno** e **externo** de unidade e de união da Igreja. Partilhando a mesma fé, aderindo à mesma Palavra do mesmo Deus e do mesmo Senhor Jesus, todos os fiéis têm como **destinatário** da sua adesão e da sua consagração de fé a mesma realidade. E esta realidade não é somente um objeto de conhecimento – nesse caso a Igreja se assemelharia a uma escola filosófica – mas é o princípio e fim da humanidade e da inteira criação. Deus, termo final da nossa fé, não se oferece ao nosso conhecimento e à nossa vontade somente como um objeto, mas como sujeito ativo que se faz conhecer para atrair a Si, para elevar os que o aceitam a uma nova existência sobrenatural. Os cristãos são “um” graças ao único Deus a quem eles aderem mediante a mesma fé.

A fé comporta, na presente economia, uma **estrutura de mediações externas**. A revelação não se dá individualmente no íntimo da consciência dos cristãos, mas **publicamente**, para uma coletividade, mediante ministros chamados e encarregados de uma missão: profetas, apóstolos, escritores, magistério. Tudo isso constitui o organismo de mediação para a comunicação do objeto da fé.

Evidentemente a **Escritura** tem valor normativo absoluto para a unidade dos cristãos em razão da inspiração que a faz palavra de Deus. Mas a Escritura desempenha esse papel unificador da fé quando, na sua letra e mediante ela, revela o seu verdadeiro senso que só é acessível na **Tradição** e na pregação viva da Igreja. É a Igreja que dá a verdadeira inteligência das Escrituras. O ensinamento autêntico é normativo para a fé da Igreja para que não haja divisões e uma perfeita **concórdia de pensamento e de opinião** (cf. 1Cor 1,10). Isso é possível na vida da Igreja somente se a regra de fé tiver, de fato, uma forma propriamente eclesial.



## 5. Unidade no culto mediante os sacramentos

A fé nos coloca diante de Deus em uma relação de culto. Ela é princípio de uma **vida** que tem valor de culto, se torna oferta e sacrifício oferecido a Deus. Na medida em que se exprime externamente, a fé implica um **culto externo**.

O exercício do culto é também um princípio de unidade. Na reunião cultual não se usam somente os mesmos gestos, ritos e símbolos. Tudo isso que se realiza no culto modela uma forma comum de **consciência** e de **sensibilidade**.

Evidentemente o cristianismo é mais do que doutrinação mediante a liturgia. O cristianismo é antes de tudo fé, fé que tem como centro a pessoa de Jesus Cristo como nosso salvador. O culto cristão é todo ele **expressão dessa fé**. Ele não une somente

enquanto culto, mas em força de seu conteúdo: porque dá a todos o mesmo centro e princípio de vida.

Essa natureza do culto cristão se realiza principalmente nos **sacramentos**. Eles não são somente sinais que, expressando a nossa fé, nos unem a Jesus salvador. Implicando profundamente a atividade da fé, os sacramentos superam os seus limites circunscritos no âmbito da intencionalidade.

A Igreja não deriva somente da palavra ou do chamado que reúne o povo de Deus pela fé. Ela depende do **dom** e da **comunicação** de vida divina feita através dos meios tomados de nosso mundo. Ela deriva da vinda de Deus nesse nosso mundo, na nossa carne, na nossa condição de pecadores, sem o pecado. Por isso a tradição viu no sangue e na água saídos do lado aberto de Cristo o símbolo dos sacramentos mediante os quais se prolonga até nós a vinda na carne do Verbo em vista de nossa salvação. Por meio dos sacramentos os cristãos entram em contato com o evento **histórico único** mediante o qual Deus realizou a nossa salvação, empenhando-se ele mesmo de maneira definitiva e eficaz na salvação de todos. Assim entendidos os sacramentos se relacionam com a unidade da Igreja. Trata-se bem mais do que um princípio sociológico de unidade. Trata-se de uma unidade de ser e de existir que **deriva de uma única fonte**.

Todos os sacramentos são assim **sacramentos da unidade**. Isso, no entanto, vale, sobretudo, para a **Eucaristia**. A Tradição sempre a considerou dessa maneira, reconhecendo como seu efeito espiritual (*res*) a unidade do corpo místico.

O efeito dos sacramentos corresponde ao seu sentido simbólico, ao significado do sinal sacramental. Na eucaristia o sinal significativo é uma **refeição**. Mediante a conversão do pão e do vinho oferecidos no corpo e no sangue, o alimento que é dado é o próprio Cristo. Assim mediante o alimento celeste e o pão escatológico, Deus une a si a comunidade eucarística (“eucaristizada”).

O efeito da eucaristia é, de fato, o **aumento da caridade**. Não se trata, porém, de uma caridade qualquer. Consiste naquela caridade bem determinada que corresponde à vontade do Pai e levada até o fim na páscoa. Eucaristia é sacramento da **caridade pascal**. Ora, já a páscoa de Israel tinha levado a constituir **um** povo como povo de Deus. Na antiga economia, o Êxodo sublinhava algumas práticas significativas: a refeição fraterna, o sacrifício da páscoa, a partida do Egito.

As circunstâncias nas quais Jesus instituiu o sacramento acumulam gestos e palavras significativas de amor, de dom e de comunhão. Mas a páscoa de Cristo é a verdadeira páscoa que se realiza **não na figura**, mas na realidade (cf. 1Cor 10,11). Trata-se da constituição do novo e definitivo povo de Deus mediante a passagem para o Reino de Deus, para a cidade celeste, para a comunhão e a herança dos filhos de Deus. A caridade eucarística é caridade que corresponde a essa páscoa e às circunstâncias em que ela se cumpre: serviço humilde de amor do lava-pés, refeição fraterna, dom total de si por amor, entrega “por vós”, aceitação e adesão à vontade do Pai, morte na cruz e vida no Espírito. A caridade eucarística é aquela que nos une a Jesus na sua páscoa de amor e nos impele a nos doar a Deus e aos homens. A caridade eucarística corresponde ao mistério pascal que constitui o novo povo de Deus reunido pelo dom total de Jesus a Deus e aos homens.

## **6. Fraterna Concórdia**

Mediante a caridade formamos um conjunto de pessoas que têm o mesmo fim comum. Nas sociedades humanas, os chefes se esforçam pelo bem comum e distribuem os serviços entre os membros para ordená-los ao bem comum. O chefe, porém, não

comunica o amor do bem comum e só dispõem dos membros para o serviço através da proposta, da influência moral e das ordens. Ele não pode inclinar e animar os membros a partir de dentro mediante uma **presença pessoal vital**. Deus, porém, pode fazê-lo e o faz. Ele nos faz participar do amor com o qual ama a si mesmo e a nós. Deus, sujeito do *ágape*, projeta e realiza em favor da humanidade um plano de salvação.

No amor, enquanto princípio de unidade na Igreja, podemos distinguir **dois aspectos**: ele é a força que faz a multiplicidade concorrer à unidade porque une um grande número de pessoas na busca do mesmo bem e as faz cooperar mediante vários serviços; ele nos faz participar da mesma raiz de vida. De um lado, reconduz a diversidade à unidade; de outro, realiza a difusão da unidade na diversidade.

Entre estes dois elementos está a **hierarquia**. A participação de muitos na mesma fonte de vida é um fato prioritário. A Igreja não é puro fato social de unidade mediante cooperação. A iniciativa e o dom de Deus têm uma prioridade absoluta. A unidade de vida, mediante a ação do mesmo princípio, **precede** e **suscita** a unidade de cooperação e de serviço. Os fiéis se dedicam ao serviço recíproco porque o Espírito Santo os faz participar da vida e do bem de Deus que é amor. A **caridade-serviço** deriva da **caridade-união**.

## 7. Unidade na pluralidade

A unidade da Igreja não é e não pode ser uniformidade. A redução da unidade à uniformidade é excluída seja por Deus quanto pelos homens.

Da parte de Deus porque ele não age por necessidade mas livremente. Trata-se da sua graça; ele distribui como quer os seus dons. Além disso, Deus é transcendente e só pode ser representado por uma pluralidade de participações, em uma diversidade que concorre a uma unidade mais rica.

Da parte dos homens porque Deus não os trata como coisas mas como pessoas livres. Trata-se de pessoas individuais que **reagem aos dons de Deus**. Daí todas as expressões diversas de uma realidade fundamentalmente idêntica: as teologias, os ritos, as devoções, os costumes e as espiritualidades.

A unidade da Igreja se forma com as diferenças (homem e mulher, grego e bárbaro, escravo e livre: cf. Gl 3,26-28; Cl 3,9-11) nela presentes. Introduz-se assim na concepção de unidade uma **tensão** entre o particular e o todo, entre o local e o universal. Na Igreja una, cada parte sua contém o todo, mas isso não faz da parte o todo. O fato de que as Igrejas locais sejam homogêneas ao todo não significa que elas não devam, no todo, concorrer para realizá-lo mediante o que lhes é original e singular. O mesmo se pode dizer dos indivíduos cristãos.

Unidade não é uniformidade, o que não significa tampouco dispersão ou fragmentação.

